

## **Fitas (2020) e as Novas Representações do Autismo no Entretenimento Educativo<sup>1</sup>**

Amanda ANTUNES<sup>2</sup>

Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ e UniLaSalle, Niterói, RJ

Marina Mendes MOREIRA<sup>3</sup>

Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar a representação do autismo no curta Fitas (2020), da Pixar, a partir da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003), e refletir sobre o panorama geral da condição neuropsicológica no Entretenimento Educativo. Com base na análise de conteúdo, e através da técnica da análise categorial temática, questiona-se a forma como o audiovisual incorpora e elabora as representações do autismo. Os resultados indicam que a atribuição de questões raciais, de gênero e demais fatores divergentes de representações hegemônicas contribuem para a mudança nas representações do autismo prevalentes na contemporaneidade.\*

**PALAVRAS-CHAVE:** entretenimento educativo; representações sociais; autismo.

O Entretenimento Educativo tem se tornado cada vez mais presente frente ao crescimento da participação das mídias na Educação (CITELLI, 2011). Ainda que sutilmente distinto, ele é conterrâneo e dialógico ao campo da Educomunicação – que se configura como uma correlação entre a Educação e a Comunicação (SOARES, 2000) – por ter um foco primário relacionado, também atrelando a mídia a questões sociais e educativas.

Algumas produções acadêmicas (FERREIRA, 2019; RIBEIRO, 2020) tratam os dois campos como sinônimos, optando por uma nomenclatura para englobar diversos assuntos que são comuns às duas áreas. Mesmo difusas, ocorre, no entanto, a diferenciação em outros trabalhos. Para Cristina Souza (2013), enquanto a Educomunicação prioriza o enfoque da recepção consciente de conteúdos de comunicação massiva ou o enfoque da produção de conteúdo em meios de comunicação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio. Professora da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e UniLaSalle (Niterói/RJ), e-mail: [amandaantunesrj@gmail.com](mailto:amandaantunesrj@gmail.com)

<sup>3</sup> Publicitária formada pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP), email: [marina.mendes.moreira@gmail.com](mailto:marina.mendes.moreira@gmail.com)

comunitária, por exemplo, o Entretenimento Educativo rotaciona a atenção para os produtos educativos advindos dos meios de comunicação de massa.

No contexto deste último, Wisneski (2020) afirma que companhias ligadas ao Entretenimento estão cada vez mais ajustando seu agir de acordo com tendências relacionadas ao meio ambiente, filantropia ou diversidade e inclusão. O próprio objeto deste estudo, o curta-metragem *Fitas* (2020), de Erica Milson, estaria relacionado a esta crescente, visto que lança a primeira protagonista autista não verbal nas produções da Pixar (LOPEZ, 2020), trabalhando com o TEA (Transtorno do Espectro Autista)<sup>4</sup> através do retratamento de um dia de canoagem na experiência desta autista não verbal, a Renee, sendo pareada com um menino neurotípico, o Marcus.

Nas empresas voltadas para o Entretenimento, quando há a estruturação de estratégias e ações baseadas no Marketing Social, por vezes as pautas extravasam para as telas, o que não deixa de ser benéfico em decorrência do grande potencial das produções midiáticas para criar sensibilização a esses problemas sociais e para ajudar na atribuição de sentido (BEZERRA; CASTRO, 2018). Apesar da possibilidade de que essa estratégia seja parcial (VALE; VASCONCELOS, 2019), ou puramente mercadológica, conteúdos desse tipo são vistos como uma ferramenta de transformação social, um dispositivo que estimula o debate e a conscientização a respeito dos temas abordados (SCHIAVO, 2006).

Enquanto conhecimentos consensuais que facilitam o navegar pelo cotidiano (JODELET, 2001), as representações sociais expostas através desse Entretenimento Educativo, se não podem instigar ações imediatas (KOSHKIN, 2018), impelem, no entanto, com a experiência imersiva do audiovisual, a atitudes implícitas (SINTRA; AGANTE, 2020). Em consequência disso, é grande a relevância da precisão ou imprecisão da construção social de uma representação, erguida não só pela retomada de significados passados, mas também pelas vivências cotidianas (BÔAS, 2010).

Dessa forma, analisar, de fato, como essas representações estão sendo elaboradas e expostas pode ajudar na expansão de pesquisas que enderecem a responsabilidade de inserir-se no contexto educativo através da conscientização e educação emocional e da inclusão de minorias. Dado que estudos que lançam o olhar à análise dessas representações em conteúdos audiovisuais normalmente não se relacionam com o campo

---

<sup>4</sup> Condição neuropsicológica, descrita no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013), envolve principalmente interações sociais não convencionais, complicações no desenvolvimento da linguagem e comportamento repetitivo.

da Educomunicação e do Entretenimento Educativo, tal abordagem poderia surtir efeito em tal propósito. Assim, este estudo busca compreender como o Entretenimento Educativo incorpora e apresenta as representações do espectro autista através da análise de uma produção representante do recorte. A base metodológica é a análise de conteúdo, com pesquisa de abordagem qualitativa através da técnica de análise categorial temática, subsidiada na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003).

De tal modo, observa-se que a narrativa construída no curta Fitas (2020) ressalta sintomas recorrentes nas representações do autismo, contudo, constrói um forte senso de empatia no modo como o faz, através da animação. Os planos elaborados da perspectiva de uma neurodivergente contribuem para que a representação, mesmo que mais fidedigna, não seja tão distante do inteligível por um receptor não esclarecido sobre o tema, e tornam o entendimento do caso em particular mais tangível a ele.

Na Tabela 1, é possível encontrar as categorizações e, para cada categoria, a minutagem do plano – unidade de registro definida – respectiva à identificação e frequência de aparição, que segundo Bardin (2015) indicaria o grau de importância ou atribuição de relevância à temática em questão.

**Tabela 1** – Frequência e minutagem das categorias selecionadas para a análise

Categoria		Frequência	Minutagem
Movimento estereotipado		11	00:10; 01:01; 01:26; 01:33; 01:48; 02:36; 02:43; 02:49; 04:13; 04:15; 05:55.
Percepção do meio	Audição	15	00:08; 00:17; 00:52; 00:58; 01:28; 01:47; 02:43; 03:35; 04:23; 04:29; 04:43; 04:47; 06:30; 06:45; 06:46.
	Tato	6	02:50; 03:10; 03:51; 04:52; 06:23; 06:29.
Falta de contato visual		16	00:24; 00:43; 01:29; 01:56; 01:57; 02:02; 02:16; 04:06; 04:13; 04:48; 05:02; 05:11; 05:20; 05:44; 06:05; 06:56.

Fonte: elaboração própria.

O movimento estereotipado, sintoma característico do autismo, pode ser identificado, segundo o DMS-5, em “comportamentos motores repetitivos, aparentemente direcionados e sem propósito, como agitar as mãos, balançar o corpo, bater a cabeça, morder-se ou machucar-se” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Portanto, a categoria envolve planos com a contemplação de tais movimentos.

Já a categoria “percepção do meio” abrange planos que retratam os sentidos do corpo do autista, sendo subdividida em tato e audição, conforme evidenciado em cada cena do curta. Renee, é claro, está a todo tempo utilizando seus sentidos, porém, em determinadas cenas, a ação da personagem em decorrência de estímulos dirigidos ao seu tato ou audição são manifestos de forma destacada. Sendo assim, a categoria abrange, por exemplo, a repulsa ou admiração de Renee a sons, texturas ou toques físicos.

Nas unidades de registro categorizadas em “falta de contato visual”, são contabilizados planos em que é mostrado o ponto de vista da própria Renee – caracterizados propositalmente até mesmo por cor e luz diferenciadas (LOPEZ, 2020) – ou planos em que toda a sua linguagem corporal se retesa e ela abertamente não faz tal contato visual.

É possível analisar que a frequência com que é retratada a “percepção do meio” pela protagonista Renee supera a das outras categorias selecionadas. Apesar dos sentidos trabalhados nas subcategorias serem somente tato e audição – o que demonstra a possibilidade de abordar mais sentidos e detalhes no enquadramento do espectro – essa frequência é favorável a uma representação mais esclarecedora, já que as outras categorias constituem fatores mais perceptíveis a um observador externo.

Enquanto se mantém uma perspectiva similar às demais produções, no sentido do quadro de sintomas abordados, Fitas (2020) se sobressai ao recorrer a conjuntos de enquadramentos, gestos e falas que valorizam as possibilidades da ferramenta audiovisual para retratar o autismo de uma maneira diferenciada. Além disso, incorpora às representações do autismo, o esporte, a figura de uma menina não branca e a condição do autismo não verbal, por exemplo, o que evidencia o movimento de encontro e repelimento das representações, constatado por Moscovici (2003).

Tal representação também se faz favorável quando os diagnósticos são quatro vezes mais frequentes em homens que em mulheres (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013), e as mulheres diagnosticadas tendem a ser identificadas em um



grau relativamente mais severo dentro do espectro (BANACH et al., 2009). Apesar disso ter influenciado na percepção de que o transtorno em si seria mais frequente em homens, e de que mulheres seriam de certo modo “protegidas” quando sua tendência genética não era tão alta (ibid.), esse pensamento tem sido contestado em virtude de pessoas do sexo feminino parecerem estar desproporcionalmente mais favoráveis a não serem diagnosticadas (LOOMES; HULL; MANDY, 2017).

Cook (2018) ressalta que quanto mais essas representações veiculadas pelas mídias se afastam dos estereótipos, mais a audiência tenderia a abrir mão do preconceito. Isso se aproxima do pensamento do próprio Moscovici, quando afirma que as representações, após serem criadas, “adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Visto que narrativas de Entretenimento Educativo impactam positiva ou negativamente as representações, no caso do autismo e de outros transtornos neuropsicológicos, elas podem influenciar na aderência ou rejeição à medicação, suporte ou recusa familiar ao tratamento, aceitação ou horror a um diagnóstico (BUTLER; HYLER, 2005).

Com o enredo protagonizado por duas crianças não brancas, a questão racial também faz parte do emaranhado de construções interdisciplinares do qual trata o estudo. Diante desse emaranhado, restam questões que não podem ser respondidas pela pesquisa em virtude de limitações sine qua non desta. Um dos questionamentos que surge se relaciona a este enquadramento racial da produção. Abordar a minoria contida no espectro autista junto de problemáticas raciais seria um intento de dar visibilidade a uma questão interseccional e dar voz a grupos sociais ainda mais desfavorecidos ou seria um artifício proveniente de uma estratégia mercadológica para criar personagens ainda mais únicos e destacados perante o público? Essas e outras questões contam agora com a continuação dos estudos referentes à área. A presente pesquisa, longe de esgotar o tema, propõe mais produções acadêmicas que enfoquem representações sociais dentro do contexto do Entretenimento Educativo.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5. ed. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2015.

BANACH, R. et al. **Brief report: relationship between non-verbal IQ and gender in autism**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [S.l.], v. 39, p. 188 - 193, jul. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-008-0612-4>

BEZERRA, B. B.; CASTRO, G. G. S. **Merchandising social na telenovela brasileira: notas sobre a promoção da sustentabilidade ambiental em Velho Chico**. *Intercom - RBCC*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 179-194, set./ dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/intercom/a/ZvqDhHYKykvdh8CJDChgMkz/?format=pdf&lang=pt>

BÔAS, L. P. S. V. **Uma abordagem da historicidade das representações sociais**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 379-405, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Xxm5WhjHR6knqkw5JSV4LmF/?lang=pt&format=pdf>

BUTLER, J.; HYLER, S.. **Hollywood portrayals of child and adolescent mental health treatment: implications for clinical practice**. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics*, Amsterdam, v. 14, iss. 3, p. 509-522, jul. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chc.2005.02.012>

CITELLI, A. O. **Educação brasileira 30** - Adílson Odair Citelli e Doris Kowaltowski. [Entrevista concedida a] Ederson Granetto. Youtube, 07 jun. 2011. Disponível em: <https://youtu.be/4iy37lmWdu4>. Acesso em: 04 jun. 2021.

COOK, C. **A content analysis of LGBT representation on broadcast and streaming television**. Orientadora: Elizabeth Gailey. 2018. 48 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Tennessee de Chattanooga, Tennessee, 2018.

FERREIRA, R. **A educomunicação em ficção seriada: um estudo de caso de Sex Education**. Orientadora: Patrícia Rakel de Castro Sena. 2019. 73 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Tradução: Lilian Ulup. 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KOSHKIN, A. P.; ABRAMOV, R. A.; ROZHINA, E. Y.; NOVIKOV, A. V. **Role of social representations in student motivation for acquiring further education**. *Interchange*, Moscou, v. 49, p. 313-341, maio 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10780-018-9328-3>

LOOMES, R.; HULL, L.; MANDY, W. **What is the male-to-female ratio in autism spectrum disorder? A systematic review and meta-analysis**. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, [S.l.], v. 56, p. 466-474, jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2017.03.013>

LOPEZ, K. **Why Pixar's first non-verbal character in the short "Loop" was a game-changer**. Site da Forbes, 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/kristenlopez/2020/01/10/why-pixars-first-non-verbal-character-in-the-short-loop-was-a-game-changer/?sh=2e6c2da5284c>.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.



RIBEIRO, V. **Educomunicação: os jogos e o aprendizado da história.** Orientadora: Raquel Lobão Evangelista. 2020. 67 f. Monografia (Graduação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2020.

SCHIAVO, M. **Dez anos de Merchandising Social.** In: Anais. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120978737171710494144163695234717744651.pdf>

SINTRA, D; AGANTE, L. **Edutainment in childhood obesity prevention: a complex topic.** Young Consumers, Porto, v. 21, iss. 3, p. 289-304, maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/YC-09-2019-1050>

SOARES, I. de O. **Educomunicação: um campo de mediações.** Comunicação & Educação, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>

SOUZA, C. **The combination of Educommunication and community media as a development communication strategy.** 2013. 72 f. Dissertação (Mestrado) – Malmö högskola, Faculty of Culture and Society, Malmö, 2013. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1483825/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

VALE, O. do; VASCONCELOS, L. **Merchandising Social como uma estratégia de intervenção em metacontingências: análise de uma obra de ficção televisiva sobre o controle do tráfico de pessoas no Brasil.** Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília, v. 35, p. 1-14, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/S6pM9hjtB3Xs6CRYbL9qHgw/?format=pdf&lang=pt>

WISNESKI, K. **The Walt Disney Company and Corporate social responsibility.** Pilot Scholars, Portland, 2020. Disponível em: [https://pilot scholars.up.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1042&context=hon\\_projects](https://pilot scholars.up.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1042&context=hon_projects)